



IBP1289_06

SOBRE AS ESTRATÉGIAS DE INTERNACIONALIZAÇÃO DE CHINA E ÍNDIA EM BUSCA DE SEGURANÇA ENERGÉTICA E SUAS CONSEQUÊNCIAS SOBRE O MERCADO DE PETRÓLEO

Rafael Resende Pertusier¹

Copyright 2006, Instituto Brasileiro de Petróleo e Gás - IBP

Este Trabalho Técnico foi preparado para apresentação na *Rio Oil & Gas Expo and Conference 2006*, realizada no período de 11 a 14 de setembro de 2006, no Rio de Janeiro. Este Trabalho Técnico foi selecionado para apresentação pelo Comitê Técnico do evento, seguindo as informações contidas na sinopse submetida pelo(s) autor(es). O conteúdo do Trabalho Técnico, como apresentado, não foi revisado pelo IBP. Os organizadores não irão traduzir ou corrigir os textos recebidos. O material conforme, apresentado, não necessariamente reflete as opiniões do Instituto Brasileiro de Petróleo e Gás, seus Associados e Representantes. É de conhecimento e aprovação do(s) autor(es) que este Trabalho Técnico seja publicado nos Anais da *Rio Oil & Gas Expo and Conference 2006*.

Resumo

O trabalho objetiva identificar as opções estratégicas adotadas por China e Índia na tentativa de assegurar a segurança de fornecimento de petróleo a suas economias em expansão. Mesmo com a predominância do carvão em suas matrizes energéticas, o artigo ressalta a predominância do petróleo na demanda incremental e a incapacidade do potencial de expansão de produção doméstica em atender este consumo.

O autor se propõe a mostrar um novo ângulo destas políticas de China e Índia: as disparidades desta corrida energética, a relação que a mesma tem com a tendência de elevação dos custos de exploração e desenvolvimento e o inevitável confronto entre as grandes empresas de petróleo, as quais vêm repondo reservas através de fusões e aquisições ao invés de crescimento endógeno, e as crescentes aquisições das estatais chinesas e indianas.

Adicionalmente, o artigo identifica o perfil dessas aquisições: a preferência por ativos já em produção e o pagamento de valores considerados acima do mercado quando levado em consideração o risco geopolítico. Em um contexto de mercado de altos preços e percepção de necessidade expansão de capacidade de produção, este perfil revela que o posicionamento de China e Índia adiciona pouco capital para novos investimentos, causando, outrossim, deslocamento dos investimentos das demais empresas. Por fim, destaca-se que a política de segurança energética desses países tem buscado soluções de oferta, não de demanda.

Abstract

This paper aims to identify the strategic options of China and India in the attempt to ensure energy security for their growing economies. Even with coal still being their main source of energy, the paper stands out the domain of oil in the additional energy demand and the incapacity of the indigenous production to supply this consumption.

The author considers showing a new angle about China and India's strategies: the disparities of their energy run, its relation to the rising exploration and developing costs and the inevitable confrontation between the international majors, which have been replacing reserves by merges and acquisitions instead of a endogenous growth.

Additionally, the paper identifies their M&A profile: the preference for assets already in production and the payment of amounts considered over the market when the geopolitics risks are considered. In the context of high prices and the perception on the necessity to expand production capacity, this profile discloses that the positioning of China and India adds few capital for new investments, causing, so, displacement of the investments of other companies. In the end, the author shows that these countries look for supply solutions their energy security problems, ignoring the demand side of the equation.

1. Introdução

China e Índia atualmente estão engajadas em uma disputa para assegurar a suas economias o fornecimento da *commodity* de maior importância no mercado mundial: o petróleo. O vertiginoso aumento de sua demanda energética, a estagnação da produção e a crescente dependência das importações os colocam em competição com os principais países consumidores e lançam suas empresas em uma campanha agressiva de aquisição de ativos no exterior.

¹ Mestre em Economia pelo Instituto de Economia da UFRJ; Economista PETROBRAS

Garantir um fluxo constante e barato de petróleo sempre foi um dos pilares da política externa e econômica dos países hegemônicos, e a preeminência destes países em grande parte decorre de sua capacidade em fazê-lo. Agora, Índia e, principalmente, China, estão competindo com os EUA, Europa e Japão por direitos de exploração e produção de petróleo na África, Ásia Central e América Latina.

Em uma nova conjuntura no mercado de petróleo, em que preços elevados refletem o esgotamento da capacidade ociosa da OPEP e o reduzido potencial de crescimento de produção nos grandes países consumidores, os desdobramentos desta questão hão de ter grande importância na configuração do ambiente geopolítico do setor energético.

2. Dependência de Importações

Muito embora o carvão constitua a maior parte da matriz energética de China e Índia, como se pode observar nos gráficos 1 e 2, as importações de petróleo são uma tendência irreversível no consumo de energia desses países, conforme demonstrado nos gráficos 3 e 4.

A Índia, economia com a segunda maior taxa de crescimento global (atrás apenas da China), demanda cerca de 2,6 MM bpd de petróleo – aproximadamente o mesmo que a Coreia do Sul. Com uma produção de apenas 800 M bpd, importa cerca de 72% de seu consumo de petróleo, uma dependência maior que a da China, de 47%. Com reservas de 5,6 e 17,1 bilhões bbl, as relações entre reserva e produção de Índia e China são de 19 e 13 anos, respectivamente, uma situação que, dada a demanda crescente e a estagnação da produção, não é alentadora para nenhuma das partes. No gráfico 4 pode-se observar como o balanço de suprimento de petróleo se deteriorou significativamente para a China nos últimos dois anos. Embora as importações da Índia não apresentem tal evolução, a situação não é menos grave: não surpreendentemente, o primeiro ministro indiano já definiu a segurança energética do país “uma prioridade inferior apenas à segurança de fornecimento de alimentos”.

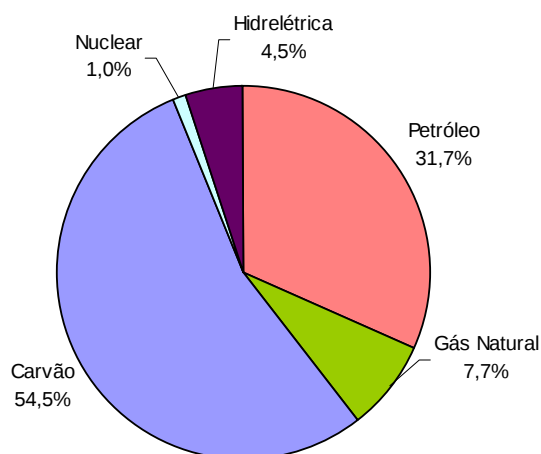


Gráfico 1: Matriz Energética da Índia em 2004 *

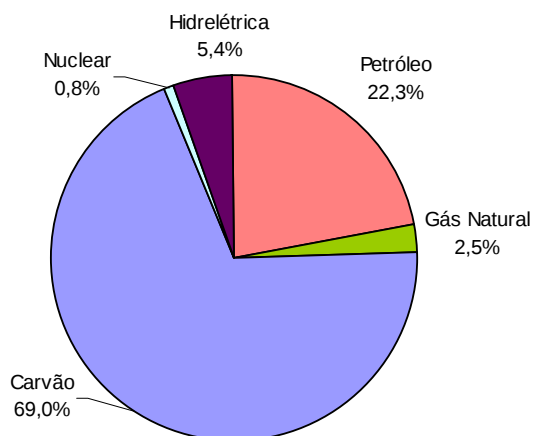


Gráfico 2: Matriz Energética da China em 2004 *

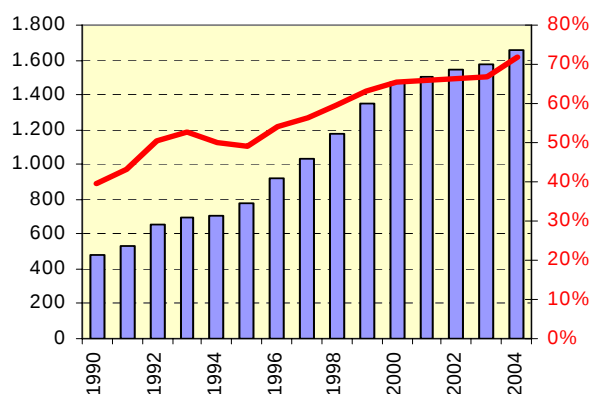


Gráfico 3: Índia: Volume de Importações de Petróleo (M bpd) e seu Percentual na Demanda

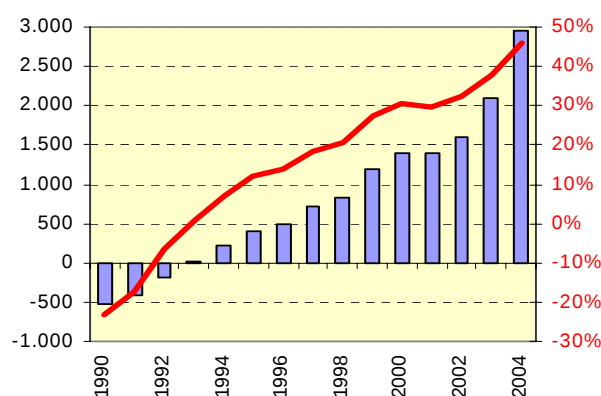


Gráfico 4: China: Volume de Importações de Petróleo (M bpd) e seu Percentual na Demanda

fontes: BP Statistical Review of World Energy 2005, Agência Internacional de Energia

* BP considera apenas energias comerciais, omitindo, com isso, a biomassa, muito importante na Índia, por exemplo.

3. Demanda Crescente por Derivados

Enquanto o crescimento econômico chinês é centrado no setor industrial, o dinamismo econômico da Índia decorre predominantemente da expansão do setor de serviços, conferindo ao crescimento deste país uma menor intensidade energética do que o crescimento da China. Não obstante, historicamente, as taxas de aumento da demanda por petróleo de China e Índia apresentam patamares aproximados, conforme o gráfico 5. O que explica o descolamento dessas taxas nos últimos anos por certo não é a natureza do crescimento econômico dos dois países, mas a convergência, na Índia, de uma série de fatores conjunturais e atípicos, tais como a ocorrência de eventos climáticos e o fim, em 2002, dos subsídios aos preços dos combustíveis ao consumidor. A atipicidade dos fatores climáticos e a redução do ritmo de retirada de subsídios nos próximos três anos com a eleição de um novo governo sugerem que, eventual-mente, a demanda indiana (com importações equivalentes a 60% dos volumes da China) retome seu comportamento histórico, consubstanciando-se como um importante determinante do crescimento da demanda mundial.

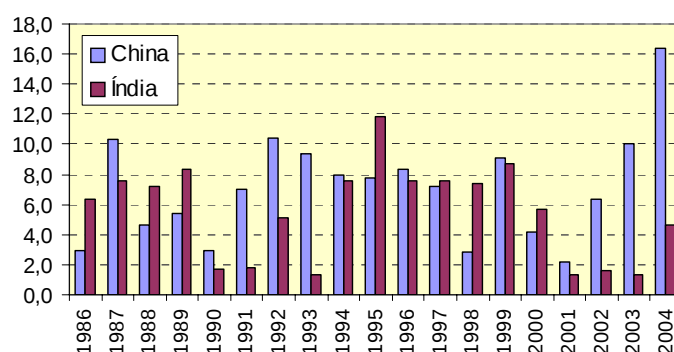


Gráfico 5: Crescimento da Demanda por Petróleo: China e Índia (% a.a.)
fontes: BP Statistical Review of World Energy 2005, Agência Internacional de Energia

Na China, por sua vez, os déficits na geração e na transmissão de eletricidade e no transporte de carvão até os centros consumidores vêm aumentando sobremaneira a demanda por óleo combustível nas centrais termelétricas e por diesel nos geradores industriais e comerciais de pequena e média escalas. O forte crescimento econômico e os preços artificialmente reduzidos mantêm a demanda por eletricidade aquecida. Até que essas insuficiências na infra-estrutura sejam equacionadas, a demanda por óleo combustível deve permanecer elevada. Por sua vez, o crescimento da frota automotiva do país, *in tandem* com o aumento da renda *per capita* e com o transporte de cargas, mais a expansão da capacidade de produção de petroquímicos, justificam expectativas de forte aumento na demanda por derivados médios e leves, com destaque para diesel e nafta.

Mais importante, a esperada desaceleração da economia chinesa ainda não ocorreu e, mesmo que venha a ocorrer nos próximos anos, os segmentos industriais sobre-aquecidos e cujos investimentos vêm pressionando a inflação no país (cimento, aço, alumínio) são intensivos no consumo energético, mas não no consumo de petróleo. Enquanto o setor industrial na China vem registrando redução da intensidade do consumo de petróleo, a intensidade da economia como um todo vem crescendo. Caso as políticas de governo desenhadas para desaquecer esses segmentos sejam bem-sucedidas, isto não representará uma redução da demanda por petróleo. Ao contrário, os setores engargalados nos quais o governo deseja incentivar investimentos (transporte, geração elétrica, agricultura) são bastante intensivos em petróleo, e contam com maior peso na demanda total pelo hidrocarboneto do que o setor industrial. Assim sendo, não se espera que as taxas de crescimento do consumo de petróleo da China – mais ainda de suas importações – registrem queda nos próximos anos, mesmo com menor crescimento econômico.

4. Investimentos no Exterior

Com a expectativa de que suas economias tornem-se cada vez mais dependentes das importações de petróleo, China e Índia vêm expandindo seus programas de investimento no exterior, além de estarem acelerando a atividade exploratória em seus territórios. Empresas indianas já investiram mais de US\$ 3 bilhões em projetos de exploração e produção fora do país, e foi anunciado que continuarão a investir US\$ 1 bilhão por ano em novas aquisições. A China, por sua vez, já investiu cerca de US\$ 15 bilhões em campos de petróleo no estrangeiro e deve gastar outros US\$ 10 bilhões até o final da década.

Tabela 1. Ativos Chineses e Indianos no Exterior, por Empresa (final de 2005)

China				Índia
<i>CNPC</i>	<i>CNOOC</i>	<i>Sinopec</i>	<i>Sinochem</i>	<i>ONGC</i>
Angola *	Austrália *	A. Saudita	Coréia	Austrália *
Argélia	Canadá *	Argélia	E.A.U.	Irã
Azerbaijão *	Indonésia *	Azerbaijão	Omã	Iraque
Canadá		Brasil	Tunísia	Líbia
Cazaquistão *		Canadá *		Miamar
Equador		Egito		Nigéria
Indonésia *		Irã		Rússia
Irã *		Iraque		Síria
Iraque		Miamar		Sudão *
Mauritânia		Nigéria		Vietnã
Níger		Omã		
Omã		Rússia		
Peru *		Usbequistã		
		o		
Rússia		Yemen *		
Síria				
Sudão				
Turcomenistão				
Venezuela				

fontes: PIRA, Platt's, Energy Intelligence Group, Global Insight

* indica ativo comprado de outra companhia

No entanto, as aquisições indianas ainda são poucas e esparsas. De acordo com o pró-prio governo indiano, a China está na frente desta corrida¹, em grande parte porque suas empresas contam com forte apoio político e financeiro do governo. A vantagem da China nesta corrida energética torna necessário que a Índia fortaleça suas estatais para torná-las mais competitivas na aquisição de ativos².

A despeito dos volumosos investimentos, a expansão das empresas chinesas no exterior é assimétrica. A CNPC, até agora, construiu um expressivo portfólio internacional, avaliado em cerca de US\$ 10 bilhões, em mais de 15 países, enquanto as demais estatais de grande porte ainda detêm volume pouco significativo de ativos no exterior³.

As empresas chinesas esperam aumentar a produção de petróleo de sua propriedade no exterior para 450 M bpd em 2005, com a maior parte do crescimento vindo dos ativos no Sudão. A Índia apresenta um atraso de cinco anos com relação às metas chinesas, tendo estabelecido metas de 400 M bpd em 2010 e 1,2 MM bpd em 2025.

Ao contrário da China, na Índia, a ONGC é a única empresa com participações significativas no exterior. À luz da agressividade das empresas chinesas, propostas para fundir as quatorze estatais indianas e formar uma ou duas fortes empresas para atuação internacional estão sendo consideradas, assim como prover maior flexibilidade ao processo aquisitivo⁴, mas o temor de perda de postos de trabalho dificulta a concretização das propostas de fusão.

Por mais que a busca por segurança e diversificação de fornecimento energético seja parte das estratégias nacionais de China e Índia, são as empresas os agentes responsáveis por sua implementação. Esta busca por petróleo e gás proporciona benefícios mútuos, uma vez que as empresas atuam como instrumentos de política exterior e contam com o apoio financeiro e institucional do governo, que promove esta investida. Pelo menos até o presente, este arranjo tem sido mais vantajoso às empresas chinesas do que às indianas.

¹ A agressividade das aquisições chinesas se revela pela larga diferença entre seus lances e os de outras empresas nos leilões de E&P no exterior em que têm se saído vitoriosas.

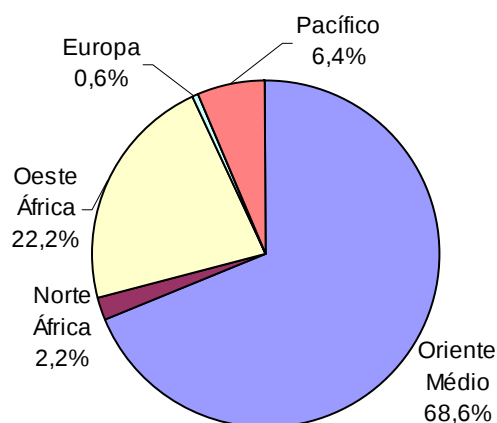
² No final de 2004, por exemplo, a China venceu a Índia numa disputa pela venda da participação de 50% da Shell em um bloco em Angola com reservas estimadas em 1 bilhão de barris. Com uma oferta de ajuda ao governo angolano de US\$ 2 bilhões (contra US\$ 200 milhões da oferta indiana), a China conseguiu com que a estatal angolana exercesse seus direitos de preferência e vetasse o acordo entre Shell e a estatal indiana ONGC para que a participação fosse vendida, afinal, aos chineses.

³ A Sinopec, com pequena presença no Arzebaijão e na Argélia, se destaca pela participação no desenvolvimento do campo de Yadavaran, no Irã. Recentemente, a CNOOC, que se destaca como maior produtor *offshore* da Indonésia (após a compra dos ati-vos da Repsol em 2002) desistiu da compra da Unocal (com forte atuação no *upstream* da Ásia), em concorrência com a Chevron, após a disputa ter gerado forte oposição do governo dos EUA, que argumenta questões de segurança de fornecimento.

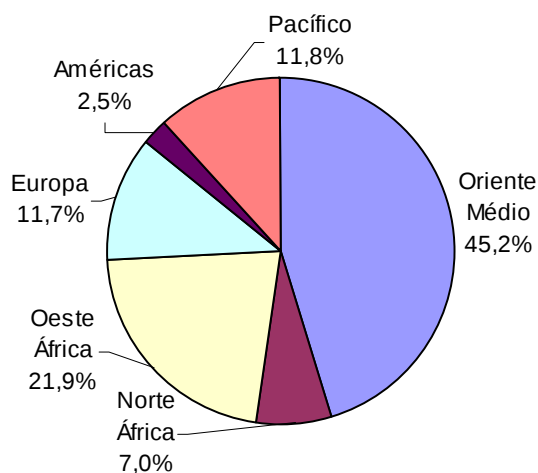
⁴ Investimentos no exterior acima de aproximadamente US\$ 50 milhões necessitam aprovação do gabinete indiano.

5. Diversificação e Alianças Estratégicas

A Índia está geograficamente melhor posicionada do que a China para importar petróleo do Oriente Médio, contando com fretes mais reduzidos e sem riscos de interrupção de longas rotas marítimas, o que explica a maior participação da região nas importações indianas, como pode ser observado nos gráficos 6 e 7. Na busca da diversificação de fornecimento, a China aparenta tentar diminuir sua dependência das importações do Golfo Pérsico. No médio prazo, espera-se que a China seja capaz de suprir grande parte de suas importações incrementais a partir de outras regiões, em contraste com a dependência crescente da Índia do Oriente Médio.



Gráficos 6: Diversificação das Importações de Petróleo da Índia em 2004



Gráficos 7: Diversificação das Importações de Petróleo da China em 2004
fonte: PIRA

Corroborar para isso o fato de que, enquanto a China já resolveu a maioria de suas disputas de fronteira, a Índia tem conflitos ativos com quase todos os países vizinhos, dificultando uma maior integração no setor de energia. Além das tensões com o Paquistão, a Índia sofre ataques esporádicos à sua infra-estrutura energética no nordeste e suas más relações com Bangladesh (país rico em gás natural) e Mianmar impedem o aproveitamento dos recursos energéticos mais próximos a seu mercado.

Inevitavelmente, o aumento das importações implica no aumento dos volumes oriundos de rotas marítimas: no caso do Extremo Oriente, com particular vulnerabilidade no Estreito de Málaca (por onde passam 80% das importações chinesas). Por isso, a China tem implementado uma política de aproximação com países vizinhos. Além de adquirir

ativos de produção, um importante aspecto de sua estratégia envolve a garantia de rotas de suprimento, através da construção de portos e dutos e da expansão de sua marinha de guerra

6. Produção X Propriedade

Se a aquisição de ativos energéticos é motivada pela tentativa de estabelecimento de fontes seguras de fornecimento, é pertinente observar que a participação das empresas chinesas e indianas no *upstream* do exterior não necessariamente implica no estabelecimento de uma linha direta de fornecimento de petróleo. Tomando como exemplo o caso da China, que já conta com um extenso portfólio de ativos e volume de produção, constata-se que, na realidade, pouco deste petróleo de propriedade chinesa produzido no exterior chega às refinarias chinesas. A produção de propriedade da China chegou a 480 M bpd em 2004, um volume pequeno perto das importações de 2,4 MM bpd de petróleo (3 MM bpd se adicionarmos derivados). Das importações de petróleo da China em 2004, segundo estimativas do *Energy Intelligence Group*, apenas 6% eram claramente provenientes de ativos de produção chineses: 116 M bpd do Sudão e 26 M bpd do Cazaquistão. A maior parte do petróleo de propriedade chinesa é vendida localmente e apenas uma pequena parte fisicamente chega à China.

Logo, a despeito do direcionamento crescente dos investimentos para o exterior, com a diferença crescente entre a produção doméstica e a demanda por petróleo na China e na Índia, espera-se que a produção de suas estatais no exterior atenda apenas uma fração das necessidades de importações desses países⁵.

7. Soluções de Oferta Limitadas, Soluções de Demanda Preteridas

As grandes reservas de carvão dos dois países seriam, em tese, uma alternativa ao consumo de petróleo. No entanto, ao menos no presente, o obsolescência das minas e a insuficiência na infra-estrutura de transporte impedem a plena utilização desses recursos. Nesta linha, a China iniciou um ambicioso programa de geração nuclear⁶, e os dois países estão expandindo suas capacidades de geração hidrelétrica e a utilização de energias renováveis. Infelizmente, essas alternativas não diminuem o hiato do balanço de petróleo, especialmente porque o setor de transporte continua como o maior demandante de derivados. Mesmo com a produção de veículos de consumo mais eficiente (híbridos ou a diesel), as crescentes frotas de automóveis ainda estão por encontrar um substituto economicamente viável.

China e Índia estão em uma fase energo-intensiva de seu crescimento econômico, exacerbando o custo de oportunidade de se buscar uma maior eficiência no consumo energético. Mesmo com menor consumo *per capita* em relação às economias desenvolvidas, a demanda por petróleo de China e Índia apresenta maior elasticidade-renda. Neste contexto, preços administrados, artificialmente abaixo dos patamares internacionais, não têm encorajado o uso mais eficiente do petróleo e seus derivados⁷. Atente-se que a segurança energética depende também de quão eficientemente o petróleo é utilizado nas economias. Percebe-se, neste sentido, que o zelo despendido pelos governos às soluções de oferta não é o mesmo com o qual se tem lidado com as questões de demanda.

8. Conclusões e Perspectivas

Enquanto a utilização da diplomacia tem levado a acordos mais entre governos do que entre empresas, a propriedade de ativos de produção não protege contra interrupções físicas de fornecimento, mas está alinhada com a estratégia de diversificação de oferta e estabelecimento de laços mais fortes com os produtores de petróleo. Apesar de crescente competição por esses ativos, há bastante espaço para colaboração entre China e Índia. Os dois países não precisam passar por um processo de competição predatória para se chegar à conclusão de que alguma cooperação é vantajosa.⁸

⁵ Por esse motivo, o estabelecimento de estoques estratégicos de petróleo também é elemento central para a segurança energética, estando entre as prioridades de ambos os países.

⁶ O governo chinês planeja investir cerca de US\$ 50 bi até 2020 na construção de usinas nucleares, elevando a capacidade instalada de energia nuclear do país de 16 GW para 40 GW.

⁷ O controle dos preços pelo governo serve como instrumento de controle inflacionário e para amenizar o frágil balanço social das sociedades chinesa e indiana, mas vem distorcendo o balanço entre oferta e demanda.

⁸ Índia e China atuam conjuntamente, por exemplo, em projetos no Sudão, Rússia e Irã, além da própria China.

O posicionamento estratégico das empresas desses países é distinto em relação a outras empresas, privadas ou estatais: primeiramente, a natureza imediata de suas necessidades de importação de petróleo implica que China e Índia estão priorizando investimentos em campos maduros, já em produção⁹. Em segundo lugar, a investida dessas empresas aumenta a competição no ambiente *upstream* e, em tese, eleva o montante de recursos para novos investimentos. Contudo, nem todo o investimento chinês e indiano no exterior representa incremento do capital disponível à adição de capacidade de produção mundial, pois grande parte é direcionada à aquisição de ativos em desenvolvimento ou em produção, simplesmente deslocando outras empresas. Ademais, existe a preocupação de que as reduzidas taxas de retorno de alguns dos projetos em suas carteiras de investimentos representem um risco à sua sustentabilidade. Identifica-se a tendência, à luz das necessidades energéticas já no curto prazo, de entrada em acordos pouco atraentes em termos fiscais e com maior risco geopolítico.

A inexorabilidade da dependência de fornecimento externo torna imperativa a formulação de uma política energética para mitigação de riscos. Por isso, a demanda energética de Índia e China leva a uma corrida por ativos e à adoção de uma política externa mais pragmática em relação aos produtores de petróleo. O que quer que resulte desta iniciativa, um novo e mais competitivo cenário geopolítico energético mundial está se definindo.

⁹ Tem havido, não obstante, investimentos em exploração e desenvolvimento, em projetos de perfil de mais longo prazo.